

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*...alumia-vos e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista 854 — PORTO

—(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10

PORTO

Porque sou judeu?

---Eu sou judeu, porque a fé de Israel não exige do meu espirito nenhuma abdicação.

---Eu sou judeu, porque a Lei de Israel reclama do meu coração todas as abnegações.

---Eu sou judeu, porque em todo o lugar onde chora um sofrimento, o judeu chora.

---Eu sou judeu, porque sempre que surja uma desesperança, o judeu espera.

---Eu sou judeu, porque a palavra de Israel é a mais antiga e a mais nova.

---Eu sou judeu, porque a promessa de Israel é a promessa Universal.

---Eu sou judeu, porque acima das Nações e de Israel, Israel coloca o Homem e a sua Unidade.

---Eu sou judeu, porque acima do Homem, imagem da Divina Unidade, Israel coloca a Unidade Divina e a sua divindade.

Edmond Fleg.

Um projecto morto á nascença

O Quarto Templo de Jerusalem

Lembro que o 1.º templo, construído por Salomão no ano 1000 (antes da era vulgar), foi destruído pelos assírios em 585; que um segundo templo menos sumptuoso foi edificado após o regresso do exílio em 519; que este templo, profanado por Antioco Epifanio, rei da Siria, foi purificado em 165, por Judah Macabeu, o que é ainda hoje comemorado com a festa de H'anucáh; e finalmente que este templo, julgado muito pouco luxuoso e provavelmente já caduco, foi substituído pelo terceiro templo, o de Herodes, a partir do ano 20 da era vulgar. Ainda se trabalhava nele no ano de 62.

Depois da tomada de Jerusalem por Tito no ano 70, o terceiro templo foi destruído, mas não inteiramente; foi-o sómente depois da repressão da revolta de Bar-Kohebah por Adriano, em 135, que êle foi arrasado até ao solo e que a charrua cavou sulcos em cima dos seus alicerces. Nesta época, Jerusalem tomou o nome de Aelia Capitolina, e foi prohibido aos judeus não só de lá morar mas também de lá entrar. Continuaram contudo em numero bastante grande a viver nas cidades e aldeias dos arredores.

A sua condição e a dos judeus disseminados por todo o imperio romano melhorou-se de repente em 361, quando o sobrinho de Constantino, Juliano, cognominado o *apóstata*, tornado illustre na Galia por repetidas vitórias sobre os germanos, se tornou imperador. Do édito de tolerancia, proclamado em Milão em 311 por Constantino, êle esforçou-se para o tornar uma realidade, o que ainda não tinha sido feito.

Juliano, nascido em 331, tinha sido baptizado, mas o seu amor apaixonado pela civilização helenica fez com que ele adoptasse em breve o paganismo. Por esse motivo muitas vezes se concluiu que este imperador, que não viajava sem um Homero e um Platão nas suas bagagens, era sobretudo um filosofo, e o seculo XVIII fez d'êle um filosofo no sentido que tinha então esta palavra, isto é, quasi um livre-pensador. Erro profundo: Juliano era um devoto, iniciado nos

mistérios de Mitrah, inclinando-se deante dos velhos deuses do paganismo por causa do logar que eles tinham na literatura que lhe era querida, mas prestando sobretudo uma homenagem entusiastica aos deus Sol, considerado como a divindade por excelencia, o senhor dos ceus.

O reinado de Juliano foi muito curto, porque foi morto numa campanha contra os persas. Mas como era muito activo e gostava de escrever; como também os seus contemporaneos e os bizantinos depois deles o considerarem como um dos mestres da lingua grega, os copistas de Bizancio nos conservarem uma grande parte da sua obra, compreendendo as cartas e opusculos que se leem ainda com prazer. Com tudo como êle era hostil ao cristianismo, sem o perseguir, a censura bisantina, activa sobretudo a partir do ano 1000, suprimiu dos seus oscriptos aqueles onde êle dizia mal da religião cristã; daí provém as lacunas lamentaveis para os eruditos. Mas, apesar dessas lacunas, tanto ocupou os historiadores e os polemistas do seculo IV que não ha talvez um personagem da antiguidade, excepto Cícero, do qual se conheça com tantos detalhes os actos e os pensamentos.

Juliano tinha concebido uma multidão de grandes projectos, que contava realisar no seu regresso da campanha contra os persas; um deles era a restauração do templo de Jerusalem. Isto não é duvidoso, porque é êle mesmo que o diz. Duma longa carta de Juliano á comunidade dos judeus, não resta senão estas palavras: «Emprego todo o meu zelo e tornar a levantar o templo do Deus Altissimo.» E noutra carta, mais bem conservada, escreve: «Que dirão os profetas dos judeus do seu templo, três vezes derrubado e ainda não reconstruído? Não falo disto para lhes fazer afronta, eu que tenho projectado de restabelecer, em honra do Deus que ali se invoca, o templo arruinado desde ha tanto tempo.»

Estes textos são formais. Juliano concebeu ainda outros projectos a favor dos ju-

deus? Sim, a acreditar-se num escritor cristão do seu tempo Gregorio Nasianzêno. No dizer deste polemista sacro, Juliano, exaltando os judeus por textos tirados dos seus livros, declarou que tinha chegado o momento para eles reentrarem na sua pátria, reconstruírem o templo e darem força e vigor aos seus costumes ancestrais. Tudo isto faria de Juliano o precursor imperial do sionismo. De boa vontade acreditaríamos nisso se lêssemos estas palavras na carta de Juliano á Comunidade Judaica de que só possuímos a primeira linha, ou se Gregorio Nazianzeno nos dissesse que tirava esta informação da carta referida; mas como não é esse o caso e Gregorio Nazianzeno tem muita imaginação, é preciso duvidar.

Apesar dos rigores da censura bisantina, conservamos uma longa passagem onde Juliano' numa carta ao grande sacerdote pagão da Asia, dá a sua opinião sobre os judeus: «esta gente, diz êle, é religiosa num sentido, pois que o deus que eles adoram é na verdade o deus todo poderoso e muito bom que governa o mundo sensível e que nós próprios veneramos sob outros nomes.

Tambem acho muito natural que eles fiquem fieis ás suas leis. O seu unico defeito, é que, procurando satisfazer sobretudo ao seu deus, não servem ao mesmo tempo os outros.» Juliano censura os judeus por não serem ecleticos como êle!

Diz-se muitas vezes que Juliano favoreceu os judeus porque sabia-os hostis aos cristãos. Não ha nas obras de Juliano uma só palavra que motive esta opinião, Juliano era um devoto do Deus Altissimo, que êle chama Sol; o monoteismo dos judeus agradava-lhe; os judeus não são, como os cristãos inimigos dos sacrificios, aos quais o imperador é tão dedicado que imola victimas com as suas proprias mãos; mas os romanos destruíram o templo onde eles sacrificavam; Juliano vai reconstruí-lo e o Altissimo ser-lhe-ha grato: este será um aliado, um protetor a mais para o imperio e para êle.

Que aconteceu a este projecto de levantar um quarto templo? O unico texto preciso, vinte anos posterior, é de historiador pagão Amiano Marcelino Mostra-nos Juliano, no começo de 363 apressando os preparativos da sua expedição contra os persas, mas pensando tambem nos grandes trabalhos que deviam immortalisar o seu reinado, notavelmente a restauração do templo. Ele tinha,

diz Amiano, confiado este projecto a Alipio d'Antioquia, seu amigo, que se ocupava disso de acordo com o governador romano da provincia. Mas aconteceu que globos de fogo saíram varias vezes da terra junto das fundações e queimaram por vezes alguns operarios e tornaram o local inacessivel; tendo-se renovado estes fenomenos, o projecto foi abandonado.»

Os escritores cristãos do tempo, contemporaneos, mas não testemunhas dos factos, exageraram extraordinariamente esta historia: raios, tremores de terra, furacões, nada faltou. Se atendermos á narração de Amiano, tudo se pode explicar num paiz vulcanico, por gazes subterraneos, da natureza do gaz dos pantanos, e pela timidez natural dos operarios judeus desbravando as fundações sagradas do templo. O Talmud conta uma anedota relativa ao primeiro templo que pôde ter exercido alguma influencia. Acreditava-se que o rei Josiah ali tinha enterrado tesouros. Um dia, um padre do logar constata uma desigualdade no pavimento; chama um colega que dá uma pancada com um martelo. Imediatamente, por um intersticio do pavimento escapa-se uma chama que consume os dois indiscretos. Acreditava-se pois em chamas subterraneas como em tesouros escondidos,

Uma outra tradição, relatada no segundo livro dos macabeus, quer que o fogo sagrado conservado durante o cativeiro de Babilonia, tenha sido encontrado nas fundações do templo na época de Nehemiah

E' ainda, se ha alguma verdade neste episodio, uma manifestação do fogo subterraneo.

Mas não será melhor admitir, segundo o sabio rabino inglês Adler, que Amiano se inspirou na lenda nascida sob a pena dos polemistas cristãos do tempo, e que a interrupção dos trabalhos apenas começados pela escavação da terra vegetal foi devida á causa mais natural do mundo, a morte do imperador, ferido por uma flecha seis meses depois, quasi no principio da sua campanha contra os persas? «O silencio de S. Jeronimo, escrevia o historiador inglês Gibbon no seculo XVIII, leva a suspeitar que uma mesma historia, celebrada a distancia, podia ser desprezada no local.» Vós sabeis, com effeito, que S. Jeronimo passou uma grande parte da sua vida na Palestina; era êle, melhor que qualquer outro, que deveria contar a

historia dos globos de chamas; ora êle não diz uma palavra sobre isso.

Fiquemo-nos pois com o juizo do grande critico Gibbon.

Mas globos de chamas ou não, o interesse que Juliano certamente levou à reconstrução do templo é uma das singularidades da questão religiosa do seculo IV e merece

ao primeiro chefe que não o esqueçamos, aqui sobretudo, nesta cidade que Juliano habitou antes de ser imperador e da qual fez um belo elogio, que é o mais antigo titulo de nobreza de Paris.

Salomon Reinach.

Trad. de «Unvers Israelita».

Uma vitima da real ingratição

(Continuado do n.º 27)

(Por D. Manuel II ex-rei de Portugal—trad. do American Hebrew de New-York—E. U. A.)

Todas as obras das trez principais tipografias hebraicas, em Faro, Lisboa e Leiria eram impressas em hebreu uma só excepção: o «Almanach Perpelnum». Dizemos uma só excepção, visto que a «Imitação de Christo», poz Thomas Hempis, impressa em portuguez na tipografia de Leiria é uma obra hipotetica, pois que d'ela não existe uma unica copia. Curioso seria que um livro impresso em letras góticas sahisse d'um prelo hebreu.

Nós admiramo-nos porque teria sido escolhido Abraham de Ortas para imprimir em Leiria o «Almanach Perpelnum», que datado de 1496 certamente já tinha sido principiado em 1495, durante a vida de D. João II. Ora, se como supomos o «Almanach Perpelnum»—obra de tão grande valor para as sciencias nauticas—estava sendo impresso em 1495, só poderia ser na officina de Abraham de Ortas, a unica tipografia hebraica que nessa data trabalhava. Samuel Gacom publicou os seus livros em Faro de 1487-1494 e Rabbi Eliezer trabalhou em Lisboa de 1489-1492.

E' natural que Zacuto e José Vizinho, ambos judeus tivessem desejado ver o seu livro impresso n'uma tipografia judaica e que tivessem portanto escolhido a de Leiria. Para Zacuto que não sabia latim, que de portuguez tinha poucós conhecimentos e que escrevia em hebraico era muito vantajoso ter Abraham de Ortas como impressor. Por outro lado, em 1495, os dois unicos «imprimidores» conhecidos em Portugal, alem do judeu Abraham de Ortas, eram Valentim Fernandes e Nicolau de Saxonia mas estes estavam ocupados com a impressão

dos 4 volumes da monumental «Vila Christi». Era portanto Abraham de Ortas, com a sua tipografia em Leiria o unico impressor capaz de empreender tão difficil tarefa, publicar as 2 edições do «Almanach Perpelnum», traduzido por José Vizinho.

Não sabemos porque razão foram publicadas 2 edições, uma em espanhol e a outra em latim, e só podemos sugerir uma ideia que nos parece aceitavel pelo seguinte argumento: Zacuto escreveu o seu «Almanach Perpelnum» em hebreu durante os anos de 1473 a 78. A importancia scientifica d'esta obra foi certamente compreendida por D. João II depois das explicações de seus 2 conselheiros judeus Mestre Rodrigo e Mestre José Vizinho ambos medicos da côrte. Foi sem duvida alguma com a aprovação do Rei que a José Vizinho, discipulo de Zacuto e no qual o soberano depunha a maxima confiança, foi confiada a tradução do «Almanach Perpelnum e podemos contar como quais certo que todas as despesas de impressão foram feitas pelo Rei.

Como acima dissemos, Zacuto não sabia latim e provavelmente muito pouco portuguez mas devia ter sabido espanhol, pois que quando professor em Salamanca, era em espanhol que leccionava (fazia os seus cursos). Julgamos portanto que a edição em espanhol deve ter sido feita para que Zacuto pudesse ler a sua obra impressa e por ela poder leccionar.—Não encontramos explicação mais plausivel e é certamente por esta mesma razão que o Principe Perfeito, um rei tão essencialmente portuguez e que manteve uma tão rigorosa politica de sigillo

—e também D. Manuel que seguiu esta mesma política—permitiu que uma obra que tão facilmente poderia ser feita em português, fosse impressa em espanhol. O que aqui expomos n'uma simples hipótese, mas parece-nos hipótese admissível.

Abraham Ben Samuel Zacuto nasceu em Salamanca em 1450 aproximadamente e morreu na Turquia pelo ano de 1510 De sua vida pouco conhecemos, sabemos no entanto que ele era um astrónomo de vasta reputação e um professor de grande nome na universidade de sua terra natal, cleccionando mais tarde em Saragoça. Depois da expulsão dos judeus de Espanha, Zacuto fixou-se em Lx. onde brevemente foi nomeada astrónomo e historiador da côrte de D. João II.

Um documento hebreu, datado de 9 de Junho de 1493, assinado «Abraham Zacuto, matemático da côrte», é uma prova de que Zacuto n'essa data fazia os seus estudos sob a proteção do rei D. João II e assim continuou, mesmo durante o reinado de D. Manuel até á expulsão dos judeus, quando se viu forçado a abandonar Portugal com seu filho Samuel.

Após uma viagem cheia de perigos e vicissitudes chegaram finalmente a Tunis, onde Zacuto viveu até á invasão dos espanhóis fugindo então para a Turquia onde findou os seus dias.

Foi durante a sua estada em Tunis em 1504, que Zacuto escreveu uma historia cronológica dos judeus, desde a Creação até 1500, intitulando-a «Sefer ha-Juhasin» e na qual fez realçar a literatura judaica.

Em 1473 ainda em Salamanca, Lacuto escreveu o «Bi'ur Luhot» que publicado em Leiria em 1496, n'uma tradução latina por Joseph Vecinho, foi intitulado «Almanach Perpelnum».

O velho historiador Gaspar Correa conta-nos ingenuamente o seguinte nas suas crónicas «Lendas da Índia».

«Antes de D. Manuel ordenar o descobrimento do caminho para a Índia, mandou chamar de Beja um judeu conhecido como grande astrólogo, chamado Zacuto, falou-lhe secretamente e encumbiu de estudar profundamente e o aconselhar se se devia empreender o descobrimento da Índia e se esse descobrimento poderia vir a ser uma realidade, se fosse possível encontrar o caminho para a Índia, ele estaria disposto a

gastar tudo quanto fosse preciso, mas sem o conselho de Zacuto nada resolveria, para tal o tinha chamado... o judeu que trabalhasse, procurasse com cuidado, com todo o seu grande conhecimento durante o tempo que lhe fosse necessário e então achasse uma resposta para esta questão. O Judeu tornou para Beja, estudou aplicadamente, e chegando a conclusões m.^a satisfatorias, voltou ao Rei cheio de alegria e disse-lhe. Majestade, estudei como maior cuidado e aplicação, conforme V. A. me ordenára, e encontrei que a provincia da Índia fica muito longe d'estas paragens, separando-a de nós grandes mares e terras, terras todas elas habitadas por gente negra; n'essa provincia ha grandes riquezas e generos que são transportados para muitas partes do mundo, mas grandes perigos têm de ser vencidos para que eles possam chegar á nossa terra que tão longe fica; tudo isto eu achei e com a ajuda de Deus, nosso Senhor eu ri que V. A. ha-de descobrir o caminho para essa terra e que dentro de pouco tempo ha-de conquistar grande parte da Índia, pois que, Majestade, o nosso planeta está m.^a abaixo da esphera que contem os ceus e a terra que Deus ha-de entregar ao nosso poder e V. A. ha-de realizar tudo. . . .

E encontrei que 2 irmãos, vossos subditos, descobrirão a Índia, mas não consegui achar quem eles são. Mas desde que seja a vontade de Deus, ele no-los mostrará Disse portanto a S. A. toda a verdade pela qual responderei com a minha cabeça, conforme a vontade de Deus, o Poderoso"—O rei, ao ouvir isto agradeceu ao judeu e recomendou-lhe o maior segredo, pois que pelas suas palavras a sua fortuna vivia a ser grandemente atingida».

A narração de Gaspar Correa é para nós cheia de interesse, principalmente quando ele menciona as palavras quasi proféticas de Zacuto. O Rei Manuel, diz-nos Correa «dedicava-se muito á astrologia e muitas vezes trabalhava com o judeu Zaento».

Outra narração contemporanea diz-nos: «o vira muito dado a astrologia, tanto que quando os navios saiam para a Índia ou quando eram esperados de volta, ele costumava mandar a Diogo Mendes Vizinho, grande astrologo portuguez e judeu que vivia em Lisboa, que predissese os seus seus destinos. Depois da morte de Diogo Mendes

Vizinho, o Rei costumava consultar Thomas de Torres, seu medico, muito estudado tanto em astrologia como em outras sciencias. Apesar, de muito acreditar na astrologia, o Rei não acreditava em predicções e até era muito contra elas».

(Continua).

• • •

Obra do Resgate

Londres—O Portuguese Maranos Committee acaba de enviar ás varias entidades judaicas mundiais o seguinte relatorio :

Portuguese Maranos Committee

Um relatorio e um apêlo

O regresso dos maranos portugueses ao judaismo fez constante progresso du-o ano passado, e os seus frutos são agora representados pelo reconhecimento official das comunidades judaicas no Porto, Bragança e Covilhã.

A Comunidade judaica do Porto marcou uma muito importante etape com a colocação da pedra fundamental da sinagoga Mekor Haim (Fonte da Vida), a qual teve logar em 1 de Julho de 1629. A cerimonia foi executada pelo Prof. Moses Bensabat Amzalak, o Presidente da Comunidade de Lisboa na ocasião oficiou uma Ascabah (oração memorial) pelas vitimas da Inquisição. Este acontecimento que é memoravel na historia trágica e romantica dos maranos em Portugal, manifestou que o renascimento do judaismo entre os maranos portugueses, o qual emanou desta cidade, tem-se arreigado e tem futuro deante de si.

Em Bragança, onde a comunidade judaica é constituída por antigos maranos, a sinagoga, denominada Shaaré Pidyon (Portas de Redenção), mudou para melhor casa situada na rua Direita, na melhor parte da cidade. A Comunidade de Bragança teve a boa sorte de receber uma ajuda financeira da Central Conference of American Rabbis a qual, por intermedio do seu Presidente, Dr. H. G. Enelow, votou uma quantia de 500 dollars do Trust Littauer para a sua

disposição e um donativo de 260 dollars do seu proprio fundo. Um desgosto domestico tem, durante algum tempo privado a comunidade dos energicos serviços do seu Presidente, sr. José Furtado Montanha, mas o encorajamento tem-no recebido da Comunidade-irmã do Porto tem mantido a energia da Comunidade de Bragança e tem obtido alguns novos aderentes.

Outro avanço na organização de neo-judeus entre os maranos foi a fundação de uma Comunidade intitulada Shaaré Cabah (Portas da Tradição), na Covilhã, a manchester portuguesa. A sinagoga da Covilhã, cujo estabelecimento recebeu a sanção legal do governo em Julho de 1929, teve 40 fieis no passado Yom Kippur Mr. Samuel Schwarz, o qual se interessa no renascimento judaico entre os maranos portugueses, fez ver a consequencia de largo alcance para eles, é o Presidente da assembleia geral da Comunidade. Um sepher Torah foi oferecido pelo sr. Joaquim Sebag, de Ponta Delgada (Açores) e o mobiliario de casa de orações foi fornecido pela Comunidade do Porto.

Os cripto-judeus da Covilhã deram no passado um certo numero de homens de distincção entre os quais as bem conhecidas familias de Sousa (dos quais Antonio de Sousa era em 1643 embaixador de Portugal em Londres, e Tomé de Sousa, governador do Brasil em 1549), de Castro, Mendes, Pinto e Mesquita. Um membro da presente Comunidade da Covilhã é o tenente Elias da Costa, autor duma recente publicação intitulada «Covilhã no Trabalho».

Tentativas tem sido feitas durante este periodo para estabelecer outras comunidades neo-judaicas, para esse fim reuniões de oração tem sido efectuadas e palestras sobre judaismo se tem feito em varios lugares, mas estes esforços não foram ainda coroados de exito.

Em Belmonte, o sr. José Pereira de Sousa reuniu em sua casa aos sabados algumas familias maranas a quem fez palestras sob assuntos de interesse judaico. Disposições se tem tomado para que os grupos de maranos sejam adidos ás comunidades estabelecidas proximo deles, e destes, por agora, Caria, Belmonte e Fundão á Covilhã; e Macedo a Bragança.

No Porto, quartel general da «Obra do

Resgate» o capitão Artur Carlos de Barros Basto, que tem uma boa situação militar, mantém com infatigável energia as suas actividades como apóstolo do judaísmo historico entre os maranos. O periodico mensal «Ha-Lapid» (O Facho), editado pelo capt. Barros Basto, fornece uma valiosa ligação entre os maranos dispersos por todo o Norte de Portugal, guiando-os e pondo-os em contacto com o judaísmo universal do qual estavam completamente separados. Alem disto publicações de caracter historico e devocional judaico foram publicadas durante o ano findo (Serviço de Encerramento de Shabbath, Vespera de de Kipur e Nehilah). Na ausencia do conhecimento do hebraico, a tradução portuguesa dos serviços tradicionais da Sinagoga leva aos lares cripto-judeus as velhas orações judaicas, das quais estavam em grande parte esquecidos.

O problema mais urgente, além disto, ainda continua sem solução; o mantimento de um Rabbi, o qual extenderá e completará a obra conduzida pelo capitão Barros Basto com tão exemplar zêlo e sacrificio próprio. Qualidades especiais serão necessarias para um tal guia espiritual, mas até agora nenhum candidato tem sido encontrado para esse posto, porque faltam os meios necessarios para o seu contrato no momento presente.

O capitão Barros Basto tomou a iniciativa de preparar profâssores de religião judaica entre os maranos pelo estabelecimento dum Instituto Theologico no Porto, onde 5 aluns (3 de Belmonte, um de Penamacôr e um de Vilarinho), foram formalmente admitidos no judaísmo, são mantidos e instruidos gratuitamente tendo em vista de serem instrutores entre os seus companheiros maranos tão depressa quanto eles possam.

E' motivo de satisfação notar que varios esforços tem sido recebidos mostrando reconhecimento em varios sitios. Deve ser particularmente mencionado que o Rev. Dr. de Sola Pool, da Spanish and Portuguese Congregation «Shearith Israel» de New-York que recentemente fez uma visita aos maranos, aos quais levou alguns dons, consistindo em alfaias de sinagoga de valor e interesse historico, e tambem contribuições fiuanceiras substanciais das simpatias americanas. Dr. Cecil Roth, um

membro do Portuguese Maranos Committee, visitou tambem os maranos, e atraiu a atenção para as suas aspirações e necssidades.

Como maior evidencia do aumento de interesse pelos maranos pode ser mencionado o facto de que um curso de lições sobre a sua historia está agora sendo dirigido pelo Dr. Roth sob os auspicios da Jewich Historical Society e a City Literary Istitute.

O Portuguese Maranos Committee julga que a obra que cmpreendeu como experiencia por um periodo de 5 anos teve por si mesma, inteira justificação.

Três anos decorreram já desde que o Committee empreendeu a ajuda financeira do movimento para o renascimento do judaísmo entre os maranos portugueses, e sente-se que não só estes que, pelos seus donativos ou subscrições anuais, tem já manifestado a sua fé nesta obra, mas a Comunidade Judaica em geral deve agora confidencialmente ser solicitada para manter e desenvolver mais este esforço unico de missionarismo judaico entre judeus.

O Comité tem contribuido com 400 libras anuais para a sustentação da Comunidade judaica no Porto. Mas a construção duma sinagoga permanente nesta cidade para gloria do Deus de Israel pede uma mais larga resposta destes judeus que desejam corresponder ás necessidades dos maranos portugueses que agora professam o judaísmo abertamente. O Committé contribuiu com 500 libras para a construção desta sinagoga, e uma outra quantia de 500 libras foram recebidas do Barão Edmond de Rothschild, em virtude da intervenção do Rev. Israel Levy, Rabbi-mór de França, membro desta Committe. O custo da Sinagoga do Porto, repartições comunais e biblioteca, a qual servirá de centro de instrução religiosa e informação judaica entre todos os maranos desta região, está orçamentada em cerca de 4.500 libras.

A pedra fundamental foi colocada em Julho passado, mas a sinagoga está ainda atrazada por falta de fundos.

Sentimos justificado o pedido particularmente á Comunidade anglo-judaica, fundada por maranos que fugidos aos terrores da Inquisição de Espanha e Portugal para corresponder sinceramente a este apêlo para dar nma assistencia financeira não só

para completar a Sinagoga do Porto mas também para fornecer os meios para manter efectivamente a sagrada obra de salvação deste resto de Israel em Sepharad que, por graça de Deus e pela sua fidelidade, sem exemplo, ao judaísmo, sobreviveu até estes dias.

(a) *E. L. Mocattz, chairman — L. B. Castello, Treasurer — Paul Goodman, Hon. Secretary.*

(Trad. do inglês)

New-York—No dia 26 de Março passado na Sinagoga House, 40 West 63 th Street, o Rabbi-mór dos israelitas do Rito Português de New-York fez uma conferencia intitulada «Os maranos de Portugal» (um milagre da vida moderna judaica). Esta conferencia foi promovida pelo Men's Club of the Free Synagogue, presidindo o sr. George Lion Cohen.

Portugal—Vila Real—No dia 21 de abril o Dr. Léo de Almeida, encarregado pelo cap. Barros Basto da missão de promover a **organização de novas comunidades na provincia de Traz-os-Montes**, chegou á cidade de Vila Real, capital desta provincia, onde reuniu varios cripto-judeus ali residentes, expondo-lhe o fim da sua visita. Os assistentes resolveram constituir a comunidade de Vila Real, torna-la legal junto do governo do distrito, adoptar estatutos semelhantes aos da Comunidade do Porto e eleger o seu primeiro Mahamad, sendo eleito Nassy (Presidente) o sr. Eugenio Cardoso, importante industrial daquela cidade. De todas as deliberações foi lavrada acta, tendo sido encerrada a sessão ás 11 horas da noite, ficando assim este dia 23 de Nissan de 5690 marcado como inicio da restauração da Comunidade de Vila Real.

Chaves—No dia 23 de abril chegou o Dr. Leo de Almeida que conferenciou com varios cripto-judeus desta cidade, tendo deixado encarregados os srs. tenente Nunes e Luiz Reis de promoverem a constituição duma comunidade em Chaves. Estes srs. comprometeram-se dentro do prazo de um mês a levarem a efeito tal empreendimento.

Macedo de Cavaleiros — No dia 24 de abril chegou o Dr. Leo de Almeida a esta vila onde constituiu uma Comunidade, sen-

do eleito o 1.º mahamad com os seguintes srs.: Presidente, Albano Saldanha; secretario, Manuel Rodrigues Praça; tesoureiro, Alberto Nunes. Na noite de 27 de Nissan de 5690 ficou pois fundada esta nova congregação israelita, que será legalizada no governo civil de Bragança.

E assim o Dr. Leo de Almeida conquistou as esporas de cavaleiro da Mensagem do Resgate.

==

No dia 27 e 28 de abril esteve no Porto conferenciando com o cap. Barros Basto o sr. Eugenio Cardoso, digno Presidente da Comunidade de Vila Real, e visitando a séde desta Comunidade portuense e as obras da nova sinagoga.

• • •

Vida Comunal

Lisboa—No dia 1 de Nissan (30 de Março) na rua Alexandre Herculano, 65, realizou-se a milah (circumcisão) dum filhinho do sr. Salomon Muczik e de sua esposa D. Helena Muczik, sendo mohel (circumcisador) o avô do pequenino israelita, o sr. Samuel Muczik. Bésiman Tob.

—A Associação Comercial de Lisboa aclamou socio honorario o sr. Moses Bensa-bat Amzalak, illustre academico, distinto professor do Instituto Superior de Comercio e Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa.

—Na séde provisoria da Camara de Comercio Polaca em Portugal, na Praça do Municipio, 19-3.º, o digno presidente, o sr. engenheiro Samuel Swarz, no dia 6 de abril, fez uma conferencia subordinada ao titulo: «A Camara e a organização da colonia judeo-polaca de Lisboa». conferencia esta muito concorrida, sendo muito aplaudido o conferente no final da sua oração.

Porto — Visitaram a nossa Comunidade os seguintes srs.: Eugenio Cardoso, presidente da Comunidade Israelita de Vila Real, acompanhado de sua esposa e filho; Manuel Furriel, administrador de Miranda do Douro.

—Na construção da sinagoga terminou-se a obra de pedreiro do 1.º andar da parte dianteira.

Belmonte—Nesta vila oficiaram na festa da pascoa os Talmidim Henriques e Rodrigues.